

ZONA LIVRE

MAR/ABR/MAI 2021 - Nº 70

ESPECIAL: 25 anos de Clube Safo

Breve história da Zona Livre
A vida nas caixas comunicantes
25 anos é muito tempo,
muitas histórias, muitas
vidas que contar!!

De maria-rapaz a fufa
à Mulher lésbica e
AO SER EM MIM

À FLOR DA PELE
Uma abordagem
psicológica e literária/
cinematográfica aos
impactos da pandemia

INSPIRAÇÃO

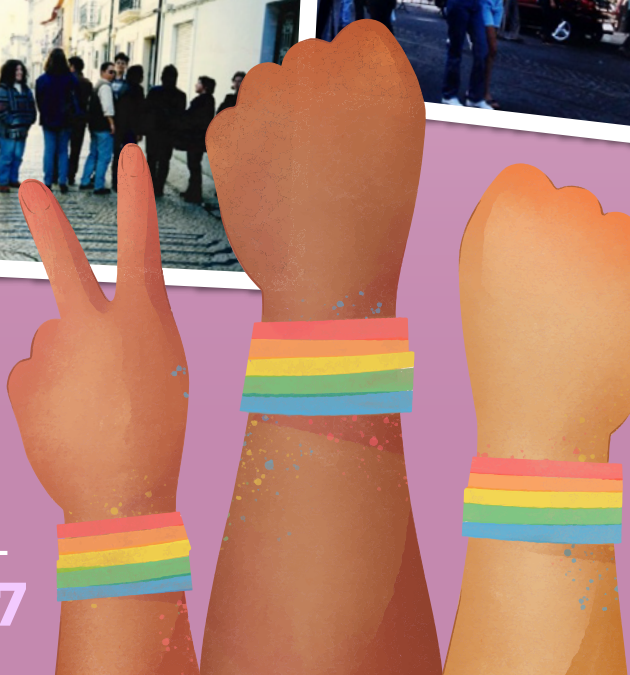
Ser mulher e mãe e lésbica:
mãe também namora...
se conseguir!

25

OPINIÃO

Nem homossexual
nem gay, chamem-
me lésbica

27



Esta revista é uma edição do Clube Safo,
Associação de Apoio e Defesa
dos Direitos das Lésbicas

3 EDITORIAL

4 CORPO E MENTE

À flor da pele

6 ALIMENTAÇÃO

Bolo de laranja (sem ovos)

7 PONTO NEGRITUDE

De Maria-rapaz a Fufa à Mulher lésbica e ao Ser em mim

10 ESPAÇO TRANS

Visibilidade Trans Lésbica

11 INVISIBILIDADE LÉSBICA

Desafios de ser mulher e lésbica

13 INSPIRAÇÃO

- 13 25 anos de Clube Safo <3
- Breve história da Zona Livre
 - "A vida nas caixas comunicantes" ou "O sistema mais parecido com não viver em caixas"
 - 25 anos é muito tempo, muitas histórias, muitas vidas que contar!!

- Aos 25 anos do Clube Safo: Parabéns!
- Clube Safo, dizem elas

25 Ser mulher e mãe e lésbica: mãe também namora...se conseguir!

27 OPINIÃO

Nem homossexual nem gay, chamem-me lésbica

29 FILME

Tell it to the Bees /
Fale com as abelhas

30 POESIA

32 LIVROS

A indomável

33 EVENTOS

Dia das namoradas: Entre mulheres: do que falamos quando falamos de amor

35 AGENDA

36 SER SÓCIA

Queremos tornar a nossa Zona Livre cada vez mais participada e rica. Aguardamos as vossas colaborações: textos, poemas, desenhos, testemunhos, histórias, notícias etc.

A tua colaboração poderá ser sobre qualquer outro assunto que te interesse. Qualquer pessoa pode participar, basta enviar os materiais para: geralclubesafo@gmail.com

NOTAS DE EDIÇÃO:

A Zona Livre é uma colaboração entre diversas falantes de português e por isso acolhe várias variantes da língua portuguesa, que optamos por não alterar de modo a promover a diversidade e a descolonização da língua. Pelo mesmo motivo, incluímos formas de escrever mais inclusivas do que o binarismo linguístico permite. Deixamos ainda ao critério de cada autora qual o acordo ortográfico a seguir.

Todos os textos publicados refletem a opinião, vivências e experiências das autoras e não traduzem necessariamente a posição do Clube Safo. A publicação de fotografias ou a referência a pessoas não deve ser assumida como indicadora da sua orientação sexual.

FICHA TÉCNICA:

Edição

Jessica Lima

Design e diagramação

Luciana Choeri

Colaboradoras

Alexa Santos, Dré, Fabíola Cardoso, Fátima Gomes, Jessica Lima, Leona Santos, Ligia, Margarida Bom, Patrícia Costa, Sara Cristina, Simone Cavalcante

CONTACTOS

www.clubesafo.pt

geralclubesafo@gmail.com



clubesafo



clube_safo



**Parabéns Clube Safo,
Parabéns a nós.**

Alexa Santos

À Flor da Pele

Uma abordagem psicológica e literária / cinematográfica aos impactos da pandemia

Por: Simone Cavalcante e Patrícia Costa (Psicóloga Clínica)

*Ando tão à flor da pele
Qualquer beijo de novela me faz chorar
Ando tão à flor da pele
Que teu olhar flor na janela me faz morrer*

*Ando tão à flor da pele
Que meu desejo se confunde com a vontade de não ser
Ando tão à flor da pele
Que a minha pele tem o fogo do juízo final*

(À flor da pele, Zeca Baleiro, 1989)



Um dos filmes que lembro-me ter assistido no cinema, nos tempos em que *ainda* havia cinemas abertos, foi “Terra Estrangeira” - um filme luso-brasileiro, dirigido por Walter Salles e Daniella Thomas. Acho que foi aí pelos idos de 1995. Um pouco *road movie*, um pouco a vocalização de um nihilismo causado pelo caos sócio-econômico presente no Brasil nos anos 90, “Terra Estrangeira” fala da busca de seus personagens por um sentido de vida, por respostas, acima de tudo por um sentimento de conexão e pertencimento. Lembro exatamente da emoção de chegar ao *art cinema* Estação Botafogo, no Rio de Janeiro, para assistir a este filme nacional. Lembro dos amigos com quem estava. Lembro da emoção que dividimos naquele momento de comunhão cinéfila e lembro que ficamos na sala de cinema escutando a última canção da trilha sonora do filme. Qual a última vez que fui ao cinema? Isso não lembro. Parece que foi há décadas, talvez em 1995, talvez ano passado. Veio a pandemia e o cinema veio para

dentro de casa. Atividades tão rotineiras como sair de casa para ir ao cinema ou encontrar os amigos ganharam a grandiosidade e expectativa de uma festa do Oscar; *Once in a lifetime! Maybe one day!* Se hoje experienciamos uma pandemia sanitária que nos isola uns dos outros limitando nossa deslocação espacial, a canção “À Flor da Pele” traduz muito desse sentimento, e da estranheza de ser um estrangeiro dentro da própria casa. *Casa-matéria*, objeto sólido construído no espaço-mundo, com seus muitos ou poucos cômodos, onde moramos e passamos uma grande parte das 24 horas/dia, e *casa-corpo* que habitamos por toda a vida.

Em uma de suas grandes reflexões, *A Poética do Espaço*, o filósofo Gaston Bachelard oferece-nos perspectivas de reler a experiência do *estar em casa*, e da relação que podemos ter com a nossa casa, *casa-matéria* espaço físico e, por consequência, *casa-corpo*. De uma forma bem resumida, Bachelard, semelhante a um psicólogo, usa

o conceito de espaço como um instrumento de análise para a alma humana. Bachelard observa o significado de espaços íntimos da casa, como o quarto, e tenta entender como estes espaços participam de uma vivência humana que desencadeia sentimentos e lembranças. Teoricamente, tudo parece bem romântico, não é; mas e dentro de nós? Como equalizar sentimentos e emoções que nem sempre são benfazejos? Para muitos de nós, ficar na *casa-matéria* se tornou um sinônimo de prisão, produzindo efeitos na *casa-corpo*. E dessa casa, não podemos mesmo sair, com ou sem pandemia, ela está lá e, nós, a tentar equilibrar uma revolução de sentimentos e emoções. Como resolver as tantas questões do viver em si?

Voltas e reviravoltas, com pontapés sucessivos no planeta e as suas (dele) múltiplas expressões inaudíveis e invisíveis (para a humanidade), não obstante, a potência do seu alcance e expressividade: assim surge a pandemia que, há mais de um ano, vivemos, sem alternativa. Caiu “sem aviso” (de rompante), virou, do avesso, a vida, como a concebíamos, criou hiatos temporais nas nossas rotinas e relações, suspendeu, sem moderação, expressões de afetividade (beijos, abraços, toque, sorrisos por detrás de uma máscara), adiou, por imposição da realidade, (não impediu) elaborações do luto, inverteu paradigmas, uma vez que com a imposição do distanciamento social e de uma série de restrições, as relações e os contactos presenciais (fontes produtoras de saúde mental), passaram a ser percebidas com uma ameaça à integridade e à segurança (fonte produtora de paranóia) e assim transitámos, no decorrer dos tempos, do medo da pandemia, à pandemia do medo, num tempo suspenso, em que os ciclos de esperança e desesperança oscilaram numa espécie de efeito mola (vincada polarização da realidade interna: alegria e tristeza, excitabilidade e abatimento, tranquilidade e ansiedade, desejo e repulsa, curiosidade e medo) mesclado com um efeito de lupa (amplificação da realidade interna - aumento / desenvolvimento / potenciação dos equilíbrios e desequilíbrios já existentes: sanígeno e patogenizante, inovação e repetição, cooperação e competição, saúde e doença, depressividade e agressividade), idiomorfia, identificação ao próprio, e alotriomorfia, identificação ao modelo)



No entanto e, como em qualquer momento de crise, cisão, interrupção de continuidade, os seres humanos têm uma imensa capacidade adaptativa e, por isso, de se reinventar e de se repensar e assim foram surgindo uma série de alternativas à suspensão, ao inalterável, ao modelo estímulo-acção, à ditadura da felicidade, característicos das sociedades contemporâneas (vai ficar tudo bem, é preciso tocar-se, beijar-se (sempre), tem que se estar sempre bem). Este tempo de “paragem”, de um transitar do privilégio do externo (o que se mostra/exibe) para o interno (para o que se é), de um contacto necessário com o real e de desmantelamento do ideal, de elaboração do pensamento, possibilitou que as pessoas dedicassem tempo ou que tivessem que encontrar alternativas para preencher o seu tempo e não se sentirem tão sozinhas ou (re)criarem espaços seus, ainda que acompanhadas, (processo facilitado pelas novas tecnologias), através da criatividade: pintar, desenhar, ler, criar em qualquer uma das suas formas.

Como em qualquer momento crítico, o modo sobrevivente imperou e a criatividade brotou e assim, a pandemia trouxe também consigo novas: buscas, modelos relacionais, formas de trabalho, paradigmas relacionais, realidades internas, descobertas, despertares, estares, contares, dizeres, narrativas, possibilidades (inesgotáveis). Como diz o psicanalista António Coimbra de Matos “O vírus está cá mas nós também” - à flor da pele e no despertar de sentires e viveres.

Bolo de laranja

(sem ovos)

PRECISAMOS DE:

- 1 chávena de suco de laranja
- 1/2 chávena de óleo vegetal
- 2 chávenas de farinha de trigo
- 1 chávena de açúcar
(ou 1/2 chávena de açúcar porque as laranjas já são doces, mas vocês é que sabem)
- 1 colher de sopa de vinagre de maçã
(se tiverem)
- 1 colher de sopa de fermento em pó

Precisa de 45 minutos no forno a 180°

CALDA:

1 chávena de sumo de laranja e 1/2 chávena de açúcar.
Numa panela, juntam-se os ingredientes em lume médio e deixa-se reduzir até metade para regar o bolo enquanto este arrefece.



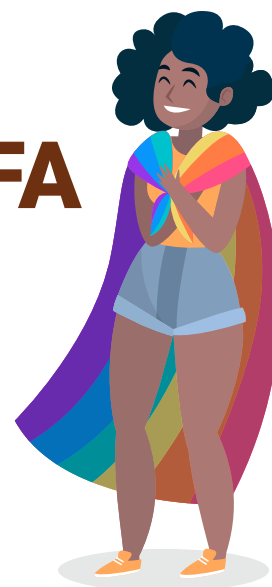
ET VOILÀ!

PORQUÊ UM BOLO DE LARANJA?

Durante anos a forma de sinalizarmos que aquele grupo de mulheres reunidas num espaço público era do Clube Safo, era pondo uma laranja em cima da mesa. Assim todas as mulheres que chegassem sabiam que estávamos ali. Assim, a laranja tornou-se um símbolo a bem da nossa segurança, numa altura em que dizer em voz alta "lésbica" era ainda mais difícil do que agora.

De MARIA-RAPAZ a FUFA à MULHER LÉSBICA e ao SER EM MIM

Por Lúgia



Ainda bem que não nasci numa época nem num país em que podia ter sido presa ou morta por me relacionar romanticamente com mulheres. Ainda Bem! Estou aqui, viva. E também felizmente que nunca fui agredida em lugar ou momento alguns por este motivo. Chamaram-me 'nomes', isso sim, porém hoje em dia percebo que o fizeram por ignorância e defesa, e que de ninguém fui/sou vítima...



Quando criança, em Moçambique, chamavam-me **maria-razap** e eu percebia porquê e me achava tal 'coisa'. Não me vestia nem brincava como menina, 'comportava-me' como rapaz, mas nunca quis ser um. Contudo, em Portugal, já a meio da adolescência, principalmente na escola, fiz-me passar por tal (rapaz) durante um tempo, para poder 'namorar' com uma colega. Até hoje não sei se ela percebeu o que eu era, pois nunca nos tocámos nas 'partes baixas', nem 'altas'. Nesta altura (meados dos anos 80), não sabia que podia namorar com uma outra rapariga. Simplesmente não sabia. Fiquei a saber quando foram contar à minha mãe que me tinham visto na praia a beijar uma jovem (a minha mãe não sabia que eu me fazia passar por rapaz). Já não me lembro do que me disse, apenas que não denotou compreender ou aprovar o que eu havia feito, e continuei a fazer, até ler um artigo num jornal que de certo modo me ajudou. O artigo era sobre a atriz Maria Schneider e tinha como título "Odeio homens, mas quero um filho".

A minha mãe apanhou-me a lê-lo e perguntou porque me interessava por aquilo. Eu respondi-lhe, dizendo, 'vês, pensas que me conheces, mas afinal não me conheces'. De novo, não me recordo do que mais ela e eu dissemos uma à outra. O que sei é que me questionei se odiava homens e percebi que não, de modo algum os odiava; simplesmente adorava mulheres...

Quando nos mudámos do Algarve para Lisboa, eu já com 18 anos, na escola secundária, tive a primeira namorada, a primeira comigo na condição assumida de jovem-mulher. Foi nessa altura que comecei a ouvir o **fufa**, que de quando em vez me era chamado e eu detestava, parecendo-me que, por isso, fui homofóbica durante uns bons anos, mesmo tendo namorado com mais mulheres (como mulher, claro). Não me sentia à-vontade para beijá-las ou dar-lhes a mão em público, sendo tal o bloqueio que parecia que estava a fazer algo de muito errado. Só mesmo aos 25 anos, quando atraída por uma mulher holandesa que queria beijar-me e dar-me a mão em todo o lado, é que comecei a confrontar os meus medos e inseguranças profundos, ajudada pelo facto de ela de vez em quando dizer-me que era como era porque só se conhecia assim, a amar mulheres, assim como só se conhecia como vegetariana, pois nunca havia comido carne. Eram condições naturais nela, que sempre fez questão de afirmar e nutrir, talvez porque em sua casa, na comunidade em que cresceu, tais condições nunca haviam sido questionadas. E como eu beneficiei disto! Do facto de me ter relacionado, por quase três anos, com uma pessoa que estava bem consigo mesma.

Grande momento de 'despertar' para mim foi o dia em que, no enterro do seu querido pai, por

eu ser companheira dela, estive ao seu lado, em primeira fila, nas cerimônias fúnebres na igreja e no cemitério, sendo-me dada primazia, em termos de posicionamento e ação, relativamente aos próprios irmãos e outros familiares do pai. Jamais esquecerei este dia em que percebi e senti claramente que não importava de modo algum, por de entre centenas de pessoas, o facto de eu ser lésbica, e sim e unicamente o de eu ser companheira-de-vida daquela mulher. No convite enviado para tanta gente, no anúncio no jornal local, apareceu o meu nome ao lado do dela (e o dela a seguir aos da irmã e seu marido e da mãe). A importância que nesta situação foi-me inevitavelmente atribuída deu-me um 'boost' na autoestima, que era pouca ou quase nenhuma, não por eu 'ser' maria-rapaz, fufa ou lésbica, mas porque da minha infância trazia outras questões a afetarem-me (carências, medos, dúvidas, complexos e inseguranças, etc.) e a comprometerem a minha evolução como pessoa...

A minha avó projetou na minha mãe características, sentimentos, crenças, valores, convicções (etc.) que eram dela e que a filha interiorizou. O mesmo fez esta comigo e eu muito dela interiorizei. E só quando comecei a perceber que estava a ser vítima de mim mesma ao alimentar forte ressentimento (e daí agressividade, rebeldia, etc.) por me achar vítima dos julgamentos, das críticas, das projeções (etc.) da minha mãe (que queria que eu fosse diferente, à imagem dela) – ressentimento esse que eu deslocava para outras mulheres, e ainda só quando fiquei a saber que o ressentimento (vitimização) arrastado por muito tempo pode causar cancro, é que decidi iniciar todo um trabalho interno de autoconsciência e mudança, profundo e deveras desafiante, que, por ser contínuo, me tem aproximado cada vez mais da Mulher, da Lésbica e do Ser Inteiro e Livre em mim...

As carências de afeto, de atenção, de valorização, de ter importância para, as memórias dos momentos de solidão, de dor, tristeza, desespe-

ro, impotência, os medos de abandono, incompreensão, rejeição, desvalorização, humilhação (etc.), tudo isto se foi manifestando nos relacionamentos que fui tendo, nos quais encontrei espaço e tempo para, gradualmente, com responsabilidade (consciencial) e cada vez mais maturidade, ir transmutando o que trago de pesos emocionais da infância e da adolescência.

Conforme fui percebendo que o que procurava nos namoros (um atrás do outro) era o que não tinha recebido e também o que ainda não conseguia dar autonomamente a mim mesma (atenção, companhia, admiração, aprovação, inspiração, estímulo, prazer, alegria, etc.), dependências, expectativas, defesas, fugas foram diminuindo e o Amor-próprio foi se desenvolvendo. O trabalho de cura com a minha mãe prossegue, sendo eu hoje em dia uma Mulher muito mais consciente, centrada, calma e amorosa.

Atualmente, sei e gosto de estar comigo em solitude e neste tão profundo e bonito relacionamento com a pessoa mais importante da minha vida. A visibilidade como lésbica está agora isenta de elementos homofóbicos e impregnada de autoestima, esta que é uma das pétalas da flor do Amor-próprio...

Curiosamente, já não me chamam nomes para além do meu próprio, nem me importaria se o



fizessem. Em 2002, em Maputo, participei no programa 'Fórum' da RTP-África sobre "Homossexualidade", como técnica (psicóloga), contribuindo para desmistificar, informar, esclarecer. Contudo, no final, o entrevistador resolve colocar-me perguntas pessoais e apanha-me de certo modo de surpresa (pois não estava lá para falar propriamente de mim). Certo é que, em Moçambique, esta constituiu a primeira vez em que a Homossexualidade foi tema de programa televisivo e a primeira vez que uma mulher se revelou/assumiu publicamente como lésbica. No dia seguinte, fui tomar o pequeno-almoço no Nautilus (Maputo), e, tanto houve quem não tivesse conseguido olhar-me nos olhos como houve quem se tenha levantado da sua mesa para me vir cumprimentar e congratular. Por outro lado, alegrou-me muito ter sido informada que alguém pertencente ao Clube Safo na altura tinha visto o Programa e enviado para a RTP-África um email ou fax a agradecer e a elogiar. Eu, com a lésbica em mim no seu esplendor!

Entre 1986 e 2016, contando por alto, namorei com cerca de 30 mulheres, mesmo que por curtíssimos períodos. De cada vez que algo não me agradava saltava fora e entrava quase logo de seguida noutra relação (ou ralação). Agora, percebo que fugia constantemente do trabalho (interior) implícito em cada. No entanto, não foi por acaso que assim foi, porque acabei aprendendo e crescendo com cada situação e pessoa (ao refletir e analisar na altura, ou à posteriori) e pude chegar àquela em que estou hoje e que é a minha mais longa relação romântico-conjugal. Interessantemente, é também aquela em que mais conflitos tive, desde o seu início. No entanto, como não mais fujo (de mim), quero continuar a mudar e a crescer, mais sou capaz de permanecer, trabalhar(-me), dar, aceitar, nutrir, cuidar e Amar (cada vez mais incondicional-

mente). A tal ponto que agora até me é possível não tomar pessoalmente, ou seja, não questionar o meu valor, a importância que tenho (antes de mais para mim) perante algo que pode até parecer um retrocesso ou recuo na minha história pessoal...; só que não é. É, sim, um avanço!

A caminho do 5º ano de relacionamento (record para mim que anteriormente estive no máximo 3 anos com alguém – média 1-2 anos), eu des-homofobizada, livre que nem uma passarinha, e a minha mulher algo homofóbica e ainda por sair do armário perante os seus pais, que me conhecem e apreciam só que não sabem (não lhes foi informado) que eu tenho um relacionamento conjugal com a sua filha. WOW!

Pois bem, é maravilhoso o facto de isto não me incomodar, de eu genuinamente aceitar e deixar ser. Sempre ouvi dizer que o verdadeiro Amor liberta, não condiciona ou aprisiona. O que importa é que com ela cresço - tanto, e Amo, Amo como jamais Amei. A visibilidade é esta! Sou um Ser sem nomes. Apenas um! Sou um Ser completo em mim mesmo. Sou um veículo de Amor e de Luz. Sou Lígia!



Visibilidade Trans Lésbica

Por Leona Santos

“ Quem sou eu? Apenas menina já feita mulher que cresceu a ser quem não é num corpo estranho que só dificulta a felicidade da minha história. Quem amo? Ah quem amei com toda a minha alma e no fim a alma não foi o bastante pois o corpo fala alto para quem só vive a superfície. ”

LEONA SANTOS

Na população cis (seja hétero ou LGBTI+) existe uma grande dificuldade em separar Identidade de género, expressão de género e orientação sexual; são conceitos distintos que não estão relacionados entre si. “Mas como assim tu gostas de mulheres?”, “ Para quê fazer transição se és hétero?”, Duas de várias perguntas que são feitas quando falo da minha sexualidade, em consequência da heteronormatividade e do patriarcado, para muita gente ser uma Mulher trans implica diretamente sentir-nos atraídas por homens. O que é completamente errado pois não só podemos ter qualquer orientação sexual como também não devemos uma expressão de género padronizada.

Transfobia e transmisoginia são violências normalizadas na comunidade LGBTI+. É importante frisar que ninguém é obrigado a ficar com ninguém, isso é legítimo; o que não é de todo aceitável é pôr-se de parte uma pessoa por ser transgénero. A transmisoginia aparece quando não só é invalidada a identidade de género, mas também o corpo e expressão de género são usados como arma de arremesso. O que faz muitos espaços inclusivos excluir pessoas do seu meio.

Quando apresentei a minha alma ao mundo não estava à espera que a viagem a partir dali fosse fácil, assumi os riscos e fui em frente afirmando **“Agora eu sou a Leona”**.

Ora com a transição veio um gradual à-vontade comigo mesma, o que após 32 anos de vida permitiu que eu comesse a interagir com mais pessoas. Não demorou muito para que me apaixonasse por alguém. E assim foi entre amores não correspondidos e episódios tristes de quem me rejeitou apenas pelo meu corpo (que é uma realidade constante na vida de uma mulher trans). Nós temos sempre que submetermo-nos ao julgamento do corpo, somos sempre nós que temos que compreender que uma mulher cis lésbica vai ter que se adaptar ao fato de sua namorada ter um pénis. Injusto, sim é! Pois o caminho oposto raramente é ponderado. A disforia de género que é puxada para cima com a invalidação da própria identidade de género da pessoa.

Sim, ainda existe muita luta e mentalidades para mudar, mas nem todas as histórias acabam em choro e a nossa continua...

INVISIBILIDADE LÉSBICA



DESAFIOS DE SER MULHER E LÉSBICA

Por Sara Cristina

“*Querer ser livre é querer
também livres os outros*”

Simone de Beauvoir

O que é isto de realmente ser Mulher?

**Ser Lésbica diminui a minha condição
de mulher?**

Sou Mulher Trans, continuo a ser mulher?



Foto: freepik.com

O Clube Safo, em parceria com a Re(Nascer) – Gabinete de Apoio Psicológico e Promoção de Saúde (Online), traz para discussão os desafios de ser Mulher e ao mesmo tempo ser Lésbica.

Muitas são as perguntas que nos fazemos quando tentamos descobrir um pouco mais de nós próprias. Ser mulher é muito mais do que o nosso sexo biológico, uma vez que nem sempre se adequa à nossa própria identidade de género.

O significado de ser Mulher, nos dias de hoje, vai muito mais além do que o conceito de Mulher no passado. Na sociedade Ocidental já muito fora conquistado por muitos movimentos feministas e

de direitos humanos, apesar de existir alguns condicionalismos. Em muitas partes do nosso planeta ainda não existe tanta liberdade em termos destes direitos como realmente gostaríamos.

Antes, a mulher era considerada um ser inferior, que era totalmente propriedade dos seus pais, irmãos ou maridos. Não tinha qualquer tipo de direitos e tampouco podia expressar a sua opinião. Precisava de seguir determinadas regras de etiqueta, comportamento e vestuário e apenas ser cuidadora da casa. O divórcio era proibido e a violência doméstica ou outro qualquer tipo de abuso ou violências, não tinham a sua devida importância.

Ser Mulher é um autêntico desafio.

Apesar de vivermos numa sociedade que já confere liberdades às mulheres, na prática ainda existe muito por fazer. Vivemos, sobretudo, numa sociedade patriarcal, ou seja, num sistema social que privilegia o género masculino ao género feminino, em várias vertentes da vida quer a nível social, político, económico, religioso, individual, entre muitos outros. E, portanto, somos vistas como seres que têm menos valor, direitos e autonomias.

Em termos práticos, ainda existem grandes desigualdades salariais, para não falar da grande carga de responsabilidade depositada nos deveres parentais sobre as mulheres. Quando falamos do mundo empresarial, ainda se vê poucos cargos de chefia liderados por mulheres. A Lei do aborto, ainda visto como um assunto sensível, demonstra que ainda são alguns homens que controlam a autonomia do corpo das mulheres, independentemente, das causas.

A questão do feminismo na teoria, mas também na prática, constitui-se numa ação de extrema importância na luta contra o sexismo, misoginia e machismo presente na sociedade. Deste modo, é importante salientar que o feminismo não significa que as mulheres devem ter mais direitos que os homens, mas sim uma luta igualitária entre direitos, oportunidades e deveres iguais para ambos os géneros. A mulher precisa de deixar de ser vista como a única figura cuidadora e dona do lar, que as mulheres conseguem cuidar dos seus filhos sem ajuda de ninguém porque existe a crença de que as mulheres, como figuras cuidadoras, conseguem educar os seus filhos sozinhas, que se deve educar os géneros de maneira diferente conferindo mais liberdades aos rapazes do que as raparigas, que questões de assédio são meras brincadeiras ou que “entre marido e mulher não se mete a colher”, permitindo ao homem perpetuar, no seio familiar, um clima de violência, medo e opressão.

E ser Mulher e lésbica?

Será importante evocar aqui o contexto da Interseccionalidade. Este termo, criado por Kimberlé Crenshaw, mas já discutido no feminismo negro, é uma ótima ferramenta para podermos analisar como as diferentes opressões e identidades fun-



cionam na nossa sociedade como por exemplo: género, sexualidade, etnia, raça, nacionalidade, idade, status social, classes socioeconómicas, entre outras. No fundo, esta poderosa ferramenta ajuda-nos a perceber como as diferentes categorias individuais se cruzam. Em termos práticos, é muito mais fácil ser mulher cisgénero e heterossexual do que ser mulher transgénero, negra e lésbica.

As opressões interseccionais demonstram que a opressão decorre como um fenómeno institucional e/ou sistémico, podendo levar a que existam efeitos menos positivos no que diz respeito à igualdade de oportunidades ou vantagens que a pessoa possa ter ou não ter.

Em termos gerais, na nossa sociedade, de acordo com tudo o que já foi anteriormente referido, é menos desconfortável e opressivo ser mulher cisgénero e lésbica do que uma mulher Trans e lésbica, igualmente, demonstra que vivemos numa sociedade completamente machista, sexista, num sistema patriarcal e misógino que não confere os mesmos direitos a todas as mulheres. Ser Mulher Trans, por si só, já trás um conjunto de desafios quer do ponto de vista individual, social e institucional, uma vez que os processos de transição são também bastante difíceis.

Por fim, mas não menos importante, não podemos deixar de falar sobre a questão dos Privilégios. Ter mais privilégios confere à pessoa maior e mais acesso a recursos e poder. No fundo, caracterizam-se como vantagens externas e/ou especiais de uma determinada pessoa que recebe, em virtude da posição em que nascem e, na qual são categorizados socialmente.



25 anos de Clube Safo



Introdução por Jessica Lima

Dizer que o Clube Safo tem 25 anos, idade de uma pessoa já adulta, é também admitir que a história que sei dele é uma pontinha minúscula de um universo de histórias, recortes, encontros, desencontros, aprendizagens, caminhos, amores/desamores, amizades, desafios, ... dos quais ainda sei tão pouco. Tanto há para descobrir e por fazer!

Mas o Clube Safo não podia ser uma pessoa, porque o Clube Safo somos muitas, somos todas. O Clube Safo é um caminho! Um aglomerado que prova que o todo é muito mais do que a soma das partes. É um bulir constante e ansioso que se move ao som do nosso entusiasmo e também cansaço, mas que nunca se farta.

É com imenso orgulho que em meados do ano passado uma nova direcção decidiu continuar a história da laranja numa mesa de café. Agora, no aniversário dos 25 anos do Clube, queremos dedicar este número a todas que caminharam,

caminham e caminharão connosco. A secção que se segue inclui relatos, recortes, artigos de Sáficas que criam o clube e nos acompanham.

Queremos continuar a levar a nossa laranja a muitos mais cafés, restaurantes, acampamentos, marchas, manifestações, tertúlias.

Um brinde aos 25 anos que passaram a olhar nos olhos os próximos 25.





Breve história da Zona Livre

Por Guida (Zona Livre n.º 48)

A origem do Zona Livre

Talvez já se tenham perguntado sobre a origem do nome do nosso folhetim bimensal – Zona Livre. Pois bem, hoje vou contar-vos a breve história do seu nascimento.

Estávamos em Tomar, no Verão de 1997 e era o 1.º Acampamento do Clube Safo e também a minha primeira vez numa actividade do Clube. Éramos poucas e estávamos ainda a travar conhecimento, apesar de já estarmos há uns 4 ou 5 dias no parque. Era um parque de campismo pequeno, com pouca gente, havia uma piscina e um bar, tudo em “miniatura”. Passávamos imenso tempo na piscina, ou tanque para ser mais precisa. Partilhávamos sensações, emoções e opiniões. Falávamos de nós e do mundo. Tudo era novidade e surgiu a ideia de se escrever mensalmente.

Pensou-se num veículo de comunicação entre as lésbicas onde pudessem expressar-se livremente. Houve algumas sugestões e a Margarida, que tinha vindo de propósito da Madeira, sugeriu o nome Zona Livre. Zona, por ser um espaço e Livre por permitir expressar livremente as opiniões da lésbicas portuguesas. E assim ficou **Zona Livre**.

O primeiro número saiu em Setembro de 1997, tinha três folhas presas com dois agrafos. Já agora, um abraço apertado para ti, Margarida e mais um para cada uma das fundadoras do Clube Safo.

Guida

Z
L
4
8



Por Margarida Bom

(Zona Livre nº 40)

“A vida nas caixas comunicantes”

ou “O sistema mais parecido com não viver em caixas”

Antes de ela vir viver cá para casa, todas as caixas de tabaco semeadas pelas 3 assoalhadas tinham isqueiros. É certo que faltava mais vezes a sopa feita no frigorífico, mas também ninguém pensava em discutir, ao acordar, se era chato receber sms que punham o telemóvel a vibrar silencioso, ou se era legítimo ter um palmo de estore levantado para conseguir acordar com a luz do sol nascente, sem radiodespertador histérico, às 7 da manhã.

É claro que o frissom do sexo também varia. Ele há épocas para as maratonas “gatas com cio”, ele há semanas a cair de cansaço e ferrar a dormir como uma pedra (?) depois do primeiro beijo trocado em vale de lençóis. Também está bom de ver que as épocas individuais têm tendência a ocorrer desencontradas... É por isso que o cúmulo da felicidade conjugal pode ser ter insónias síncronas!

Sonhamos com uma casa suficientemente grande para poder acomodar os dois micromundos sem se acotovelarem ou pisarem os calos um ao outro, e terra à volta para o bicho-cão vadiar à vontade e exercitarmos a nossa liberdade de andarilho. E montes e vales e mar ao fundo, para soltar a vista e arejar a alma, e vizinhos cordiais mas afastados.

E só termos de nos prostituir 3 ou 4 horas por dia sem nos afastarmos mais de 1 km de casa, para sobrar tempo para fazermos todas as coisas importantes de que gostamos mas que não nos sustentam, aquelas coisas que borbulham e fermentam dentro de nós, que quase nos sufocam à força de quererem irromper e nós as calcamos de volta ao cantinho secreto e fundo onde enclausuramos os sonhos.

Porque nos falta a coragem, porque não temos vagar e disponibilidade psicológica para pensar nelas e pôr mãos à obra.

Porque é preciso ir ao supermercado, pôs o carro na oficina, arranjar uma enfermeira para a avó octogenária, comprar o fato de treino para a miúda, levar o cão às vacinas, e, *in extremis*, não chegar tarde ao serviço que nos paga (mal!) tudo isto caucionado por aquela chatice de picar o ponto regularmente, às 9 e às 13, às 14 e às 18, e dar andamento às pilhas de pedidos de informação e despachos, telefonemas e problemas, relatórios importantes e urgentes dos quais parece depender a nossa sobrevivência até que o chefe os deixa distraidamente esquecidos na gaveta, à espera de maré oportuna para servirem de alavanca à sua promoção.

Desencantar dinheiro para tudo pagar, rapa daqui, pede emprestado acolá, fazer malabarismos com o tempo para conseguirmos acorrer a todas as freguesias e com as nossas forças para não nos atirmos para o chão, incapazes de mais um passo que seja, e mandar tudo pró inferno.

... o mundo a ficar tão pequenino, o sol cada vez mais mortiço, as estrelas longe, longe...

Sim, que o queremos mesmo é poder tirar a rolha da garrafa dos sonhos e deixá-los expandirem-se no ar livre e desatarmos a estrebuchar metodicamente para os explorarmos finalmente no nosso quotidiano!

Tentar alcançar aqueles cenários de miragem recorrente, realizando a aventura de partir à descoberta, em perseguição do sonho, mesmo que seja para a seguir o abandonar ou incorporar na banalidade como é destino dos sonhos realizados, e seguir questionando o que queremos então.

Essa coisa da ciber-liberdade é um bizarro alucinogénio, tão libertador como os raides de 6ª e

sábado à noite, tão decepcionante e áspero como o sabor da ressaca.

O entusiasmo crescente nutrido pelas dicas virtuais que alimentam a humana sede de conhecimento e delírio consegue sobreviver ao desligar do computador e ao apagar da luz a altas horas da madrugada, mas cai a pique quando, ao fim de meses de animação na caixa virtual, finalmente se vai tomar um café com elas e afinal não têm um décimo do arrojo e da graça que tinham no éter, são uma seca ou completa e perigosamente dementes. Nada de carne gostosa, de mente brilhante, coração alegre e disponível. Ou sou eu que não percebo nada de afaires néticos? Com um tal bluff não nos safamos... a não ser que só queiramos isso mesmo, claro! Se assim for, estamos conversadas, devem saber o que vos convém. Se não...

Bom, o sistema das caixas comunicantes talvez seja uma boa resposta a estas angústias existenciais, e às de um hamster com windows. Desde que @s parceir@s de cada caixa nos alimentem o imaginário e não nos estorvem os passos!...

O pior defeito dos membros da família é serem invasores, as mais das vezes em nome do companheirismo, da solidariedade e entreajuda e do amor, o que vem tornar ainda mais difícil tirá-los de cima do nosso joanete de estimação: o oxigénio que precisamos respirar sozinhas para crescermos e nos desenvolvermos intelectual e humanamente.

Por isso, condição importante para o bom viver no sistemas de caixas comunicantes é que cada uma deixe um espaço amplo e amigável para a outra realizar a sua saga pessoal privada até ao limite, numa dimensão paralela exclusiva (uma outra caixa), que ela pode conhecer mas onde não deve tentar imiscuir-se.

Para o sistema resultar é fundamental que o protocolo de comunicação (e partilha) entre as caixas seja claro e mútua e livremente estabelecido e aceite pel@s coabitantes, o que está intimamente relacionado com a capacidade de cada um@ ser honest@, objetiv@, confiante e ter fair play q.b. para o pôr em prática sem hesitações ou tentativas de manipulação. Jogo limpo e equilíbrio de poderes e aguentarem-se no balanço como boas desportistas, portanto.

Isto digo eu que acho que a entrega, no real, com todas as lágrimas e suspiros, com todos os

risos e sorrisos, vale bem mais a pena do que todas as masturbações virtuais.

Por último, a válvula de segurança do sistema de caixas comunicantes: a 4ª feira dos monos. Eu explico.

No meu bairro periférico, os serviços municipais de higiene urbana criaram um dispositivo de recolha de mobiliário decrépito, eletrodomésticos avariados, etc., etc., que consiste numa recolha especializada, semanal, às 4ªs feiras depois das 22H, de tais “monos”, oportunamente deixados junto aos contentores de lixo comum, naquela mesma noite, um pouco mais cedo. Como cada uma de nós sabe que viver a duas é uma aposta a que se pode (deve!) pôr ponto final quando o balanço descamba para o sofrível prolongadamente, quem se sentir pior pode, com gentileza e bons modos, sugerir à outra que ponha os seus trastes na rua, na 4ª feira dos monos. Para boa entendedora... uma 4ª feira basta!

Eis aqui uma forma soft de informar a parceira que não estamos mais a fim de. Por outro lado, tranquilizar-nos-á saber que nenhuma está condenada ao degredo *ad eternum* e pode saltar da nossa “caixa” quando já não se sentir bem. Claro que a válvula não é para ser acionada por dá cá aquela palha! É um sistema de segurança para uso em casos sérios, de emergência, não é uma gracinha para manter a outra em bicos de pés ou de joelhos...

Ok?

Pois.

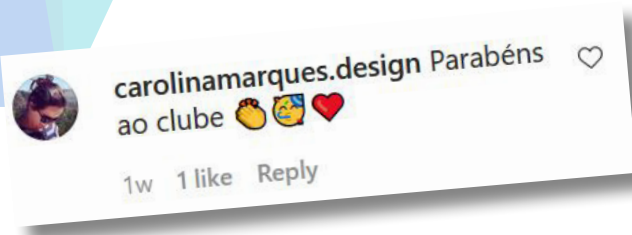
Se não estiverem a perceber alguns dos conceitos ventilados, que sei serem originais (fui eu que inventei, juro!) e não são imediatos (por mim falo, demorei mais de 40 anos a atingi-los), não se preocupem com isso. Das duas, uma: ou escreve-me a perguntar “que raio queria dizer com aquilo”, ou deixam passar o tempo que a vida vos há de explicar, ou então nunca chegam a tropeçar neles porque não vos fazem falta nenhuma.

Fiquem bem e façam favor de não desistirem. Afinal o mundo é uma enorme caixa cheia de caixinhas dentro umas das outras, hamsters com e sem windows e outras bicharadas, né?

(Texto publicado na Zona Livre nº 40 | Ano VI | Março 2004)

25 anos é muito tempo, muitas histórias, muitas vidas que contar!!

Por Fabiola Cardoso



“Começou, em 1996, um Clube muito louco, Onde me sinto bem. Um Clube de amor e amizade...” começa assim o hino do Clube Safo.

Reza a lenda que começou no início de 1996, à mesa do Sal Poente, um simpático bar em Aveiro, onde se escrevia a giz, nas mesas de ardósia.

Éramos 4. Quatro mulheres que se conheciam há pouco tempo e que, fartas do vazio de associações e atividades dirigidas para as lésbicas, decidiram “vamos fazer algo!”. Vamos criar um espaço de encontro, de discussão, onde seja possível fazer amigas, quebrar as distância e discutir os assuntos que nos interessam. Vamos ajudar-nos e a todas as outras mulheres que, como nós, se sentem isoladas. E, ao mesmo tempo, mudar o mundo à nossa volta!!

Não conhecíamos quase ninguém do “meio”. Nunca tínhamos ido a um congresso sobre homossexualidade, nunca tínhamos entrado na Assembleia da República ou escrito um texto para um jornal ou revista. Não havia net, nem telemóveis. Vivíamos em Aveiro, ou perto. Não tínhamos dinheiro, nem contactos. Não tínhamos filiação partidária ou experiência política institucional. Tínhamos vontade de fazer algo, que nem nós sabíamos ainda bem o que era... Nem como mudaria as nossas vidas e a de tantas outras pessoas.

Procurámos um nome que fosse simultaneamente discreto, mas identificável. Encontrámos Safo,

a poetisa de Lesbos e a ideia de grupo: Clube Safo. *Matura Mt Script* era o tipo de letra.

Alugámos um apartado de correios, em Águeda, para a troca de correspondência. Publicámos um anúncio num jornal de anúncios de cujo nome não me lembro e começámos a contactar as amigas.

Num pedaço de papel, roubado ao estudo para os exames à universidade, nasceu um desenho, que pretendia representar diversidade e coesão: o logotipo que ainda hoje nos acompanha. Tínhamos construído uma identidade.

Começaram os encontros. Em Aveiro, Lisboa e Porto. Vão-se definindo as linhas mestras: o encontro num café, previamente divulgado. Uma laranja em cima da mesa, como sinal, para permitir a identificação e reforçar a segurança de ambos os lados. Depois almoço num restaurante reservado com antecedência e uma conversa pela tarde fora. Geralmente o debate da tarde era iniciado por um filme ou uma dinâmica de grupo que funcionava como quebra gelo. Quase sempre o grupo já não se queria separar e seguíamos para jantar e noite.

Chegou o Verão e com ele o 1º acampamento. Um local central geograficamente, com água perto e afastado de multidões: Tomar, Parque de Campismo Rural Poço Redondo. O símbolo presente nos bonés e saquinhos que oferecíamos a quem chegava era um Sol, promessa de luz e alegria.



Foi aqui que a Margarida, vinda da Madeira, repetia: "Isto é uma Zona Livre!". 25 anos antes da [declaração](#) do Parlamento europeu, nascia a Zona Livre, título da publicação do Clube Safo.

A Zona Livre surge em setembro de 1997, com o objetivo de servir de meio de comunicação e coesão entre as mulheres do Clube Safo, justificando a existência de uma "cota": 2.500\$00/ano, qualquer coisa como 12,5 euros. Nos meses ímpares haveria Zona Livre e nos pares encontro. O apartado mudou para Lagos, no Algarve. Nesse longínquo primeiro número assinei, como Fábria, um texto sobre as Uniões de Facto, em discussão na altura. Publicitávamos o 1 Festival de Cinema Gay e Lésbico de Lisboa e a Catedral Bar, a "capelinha" lésbica de Lisboa na altura!!

Estava a rodar a "bola de neve, que já não pode parar"!! Seguiram-se atividades, encontros, acampamentos, festas, reuniões, discussões, namoros, desamores... muitas histórias, muitas vidas que contar!!

Selecionei, dos milhares, duas fotos especiais: a "primeira foto" de lésbicas portuguesas, tirada no Encontro de 21 de fevereiro de 1998, em Aveiro, para ser capa da Zona livre. Onde quem quis posou como quis. É uma imagem da magnífica bóia dos primeiros Acampamentos Sáficos, no Parque de campismo Markádia, na Barragem de Odivelas, Ferreira do Alentejo; que durante tantos anos nos recebeu. Chegámos a ser 200 pessoas num evento que decorria entre julho e agosto e seduzia mulheres de todos os pontos do país



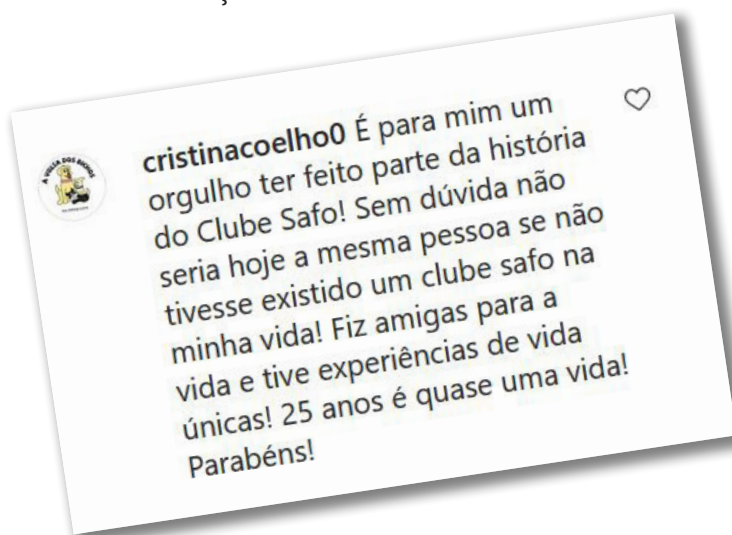
De tudo, de cada reunião e rally, há documentos, fotos, registo histórico amontoado em caixas. Haverá ainda um dia que escrever estas e muitas outras hes-tórias:

- o encontro em Lisboa, na sede da Opus Gay, dia 19 de fevereiro de 2000, onde [surgiu a ideia](#) de uma Marcha. A necessidade de um evento à luz do dia, que facilitasse a visibilidade lésbica (tema do debate do encontro) e trouxesse para o campo político as nossas lutas. Foi nesse encontro que nasceu a ideia, posteriormente partilhada com as outras associações e coletivos, que deu origem à primeira Marcha do Orgulho de realizada em [2000](#), no dia 28 de junho em Lisboa;
- as idas a reuniões da FELG, Federação Estatal Espanhola e as frustradas tentativas de criar uma estrutura semelhante em Portugal. A colaboração com [associações nacionais](#) e estrangeiras. O programa de rádio e a sua novela Maria Maria;
- a nossa pequena, mas significativa participação na organização da [Marcha Mundial das Mulheres](#) do ano 2000; a [legalização](#) do Clube Safo enquanto associação, em 15 de fevereiro de 2002, em [Santarém](#);
- a realização, ainda insuperada, das [Jornadas Lésbicas](#), no ISPA, em julho de 2002. Deste evento saiu aquele que será possivelmente o único [manifesto](#) lésbico português;
- as participação nos Fóruns Sociais, tanto em [Portugal](#), como em [França](#), em novembro de 2003;
- o papel na vinda do barco das [Women on Waves](#), integrada na luta pelo direito ao [aborto](#), em setembro de 2004...

Foram milhares de vidas tocadas. Tantos nomes, tantas aventuras. Tantas vidas para contar. Um gigantesco obrigada a cada uma.

E, ainda assim, o melhor está para vir!!! Há muito para fazer ainda para concretizar os objetivos que pretendíamos alcançar.

Fabíola Neto Cardoso
Co-fundadora orgulhosa



Ainda não és sócia?

Salta para a página 36 para saber como te podes tornar sócia do Clube!

Safo

Nasceu em Metilene na ilha grega de Lesbos, (cerca de 600 A.C.) e é provavelmente uma das figuras lésbicas mais conhecidas.

Um século depois da sua morte Platão escreveu: "Alguns dizem que as musas são nove, mas estão enganados, olhai a décima, Safo de Lesbos."

«Quem é belo é belo de ver, e basta. Mas quem é bom subitamente será belo.»

(fragmento 50 Lobel-Page)
Tradução de Eugénio de Andrade

Clube Safo

Associação Lésbica

Apartado 95
2000-029 Santarém



www.clubesafo.com
clubesafo@clubesafo.com

Associação Lésbica

Clube Safo



PARTICIPA
Contribuindo para o crescimento e enriquecimento deste projecto, que é de todas as mulheres que dele queiram fazer parte.

O Clube Safo é constituído por um grupo de mulheres que tem um projecto em comum e vontade de trabalhar para atingir os objectivos a que se propõe.

O Clube Safo pretende:

- Ser um espaço de encontro, convívio e debate onde se estabeleçam laços de interajuda, onde todas as lésbicas se sintam bem;
- Promover a criação e o reforço de uma identidade lésbica positiva;
- Intervir social e politicamente sobre todas as formas de discriminação, nomeadamente sobre as mulheres, e particularmente sobre as lésbicas;
- Promover acções de informação e formação;
- Criar e manter programas de apoio psicossocial ligados à saúde, educação, apoio jurídico, terceira idade e outros.

Actividades do Clube

As nossas actividades são realizadas simultaneamente e numa perspectiva de descentralização, a três níveis: como objectivo, a promoção do estabelecimento de redes de apoio alargadas, contribuindo para o isolamento e a guetização.

- Encontros de debate e reflexão sobre temas de interesse específico das lésbicas. Estes encontros são bimestrais, realizando-se um por todo o país;
- Actividades de carácter recreativo e cultural (festas, jogos, etc...) dirigidas a todas as mulheres que queiram participar;
- Colaboração com outras ONGs nacionais e internacionais, intervenção social e política, promoção dos direitos humanos, e particularmente os da população LGBT.

Publicação do boletim bimestral Zona Livre;
Manutenção da página da internet e mailing list do Clube Safo; Disponibilização de informação referente a locais lésbicos em Portugal e no Estrangeiro.

Associação Lésbica

Clube Safo



COLABORA:

- Na divulgação do Clube Safo e das suas actividades;
- Na feitura da Zona Livre através do envio de textos, poesia, imagens, notícias...
- Sugerindo e organizando novas actividades;
- Criando e/ou participando em projectos específicos;
- **Inscribendo - te como sócia.**
... E de todas as formas que conseguires imaginar.

Aos 25 anos do Clube Safo: Parabéns!

Por Alexa Santos

O Clube Safo, faz 25 anos.

25 anos de luta em defesa dos direitos das lésbicas em Portugal.

25 anos de atividades por todo o país com centenas de mulheres envolvidas ao longo dos anos. 25 anos de amor, de tantas vidas que se entrelaçam com o ativismo e a visibilidade lésbica no nosso país.



Clube Safo na 1ª Marcha de Orgulho de Lisboa no ano 2000
Fonte: <http://portugalpride.org/>

Muitas vezes quando falo da especificidade do Clube Safo e de visibilidade lésbica, pergunto-me:

Mas queres um espaço só para mulheres, para lésbicas, para pessoas queer e/ou não binárias, feministas, porquê? Para quê? Mas queres uma associação de lésbicas, para lésbicas, para mulheres que têm relações com mulheres? Porquê? Para quê? Já não existem discotecas, bares gay-LGBT? Já não existem associações LGBTI suficientes?

A resposta para todas estas perguntas é sempre **NÃO**.

Existe uma crise de lugares especificamente direcionados para um público lésbico, queer feminino, não-binário, trans, feminista. Estes são praticamente inexistentes em Lisboa, no Porto, e principalmente no resto do país. Talvez se lembrem de um, dois e digam, 'na minha cidade (normalmente Lisboa ou Porto) há este sítio ou aquele'. Mas, em comparação com o mundo de cafés, bares, restaurantes e outros locais de convívio para a população em geral, (ou até para homens cis, gays), esse tal sítio que se lembram é escasso é pouco num mar de tanta oferta para a maioria ou para a maioria dentro da minoria.



Evento de oficialização do Clube Safo em 2002, na foto: Ana Prata, Fabíola Cardoso e Eduarda Ferreira.
Fonte: <https://omirante.pt/>

É real também a falta de abordagem dos temas que dizem respeito às nossas vivências, aos nossos mundos e experiências. Que se baseiam em relações de proximidade e empatia e não só em trocas monetárias ou obrigаторiedades laborais.



Que ligam as pessoas pelos seus interesses e por ser pessoa humana. Quando numa conversa com Fabíola Cardoso, uma das fundadoras do Clube Safo em 1996 lhe perguntei sobre a longevidade do Clube Safo, 25 anos, meio século de uma associação para lésbicas? São os laços, as amizades, a possibilidade de se ser plenamente com outras pessoas iguais a ti (enquanto me mostra fotografias de atividades do Clube Safo de 1998 e 1999 com mulheres de mamãs ao léu nos acampamentos organizados pelo Clube Safo quando ainda não era uma associação).



Fabíola Cardoso na Marcha do Orgulho LGBT de 2015.
Foto de Paulete Matos.
Fonte: <https://www.esquerda.net/>

É preciso pensar também que estes espaços têm sempre questões de acessibilidade, que nem todas as pessoas conseguem/podem estar, entrar, participar, pagar. E tantas outras palavras acabadas em ar. Sempre a pergunta: Quem pode respirar?

Temos de criar/apoiar redes que sejam para nós/nossas, começar a sair de casa (mesmo que sair de casa signifique durante uma pan-

demia viver em frente a um ecrã e proporcionar espaços online ou sem abraços). Com o pouco que temos, o nosso feedback, a nossa crítica construtiva e disponibilidade para fazer em conjunto podemos construir e ajudar a que locais/ espaços/associações que sentimos como segunda casa não desapareçam.

Temos de parar de pedir desculpa por querermos um lugar para nós, quando em 99,9 por cento dos espaços somos alvo de ataque, fetichização, objetificação. Temos de parar de sentir culpa quando queremos/precisamos de locais que permitam e onde possamos reconhecer-nos, encontrar-nos e encontrar outras pessoas iguais a nós, das quais podemos gostar, criar uma qualquer afinidade ou como dizia a Dina (que faleceu no dia 11 de Abril em 2019) encontrar **amor d'água fresca**.

A inexistência destes locais de encontro, de partilha, torna mais difícil sabermos quem somos, conhecemos pessoas fora do nosso círculo mais próximo que muitas vezes consiste de pessoas próximas com quem trabalhamos, por exemplo, mas que têm pouco a ver connosco, de constituir família de pertença com amigos que são essenciais quando muitas vezes as nossas famílias de origem não nos aceitam na totalidade ou de todo. Torna difícil também o movimento de luta pelos nossos direitos que não será televisado, mas estará nas redes sociais de certeza e que se não formos nós a fazer, não acontecerá.

Porque é que estes sítios são importantes, porque nós somos importantes e merecemos saber onde andamos e ter onde ir. **Parabéns Clube Safo.**

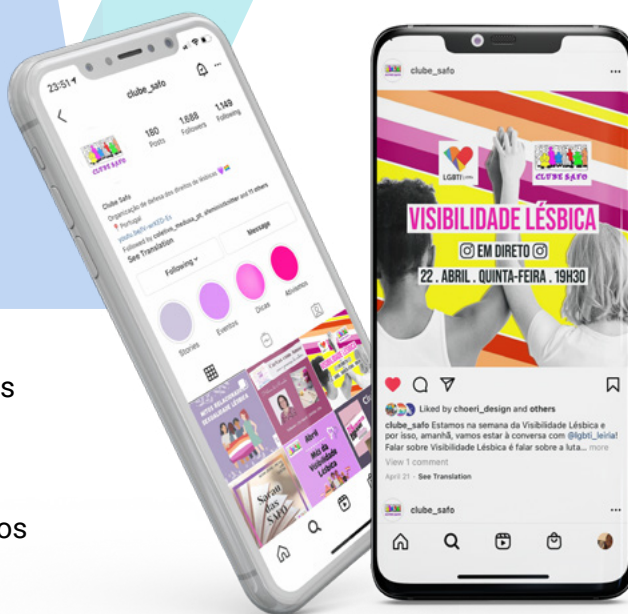
Clube Safo, dizem elas



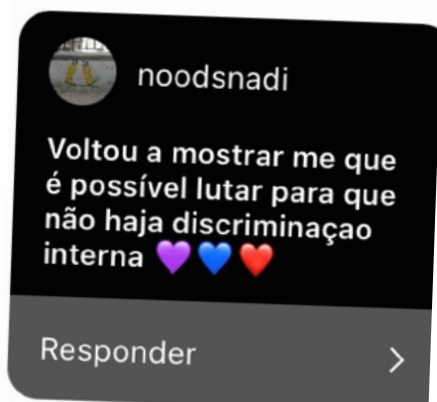
Por todas nós

Neste novo ano da pandemia, a nossa página de Instagram tornou-se no nosso café central. Sem nos podermos encontrar, muitas vezes lançámos mini questionários às nossas sáficas e amigas para sentirmos a presença umas das outras.

As respostas que aqui partilhamos lembram-nos que há muito por que ansiar :)

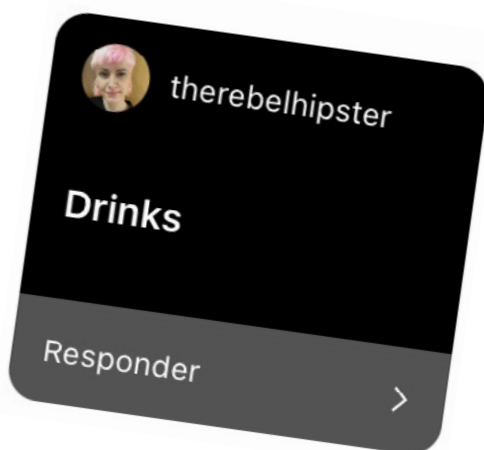
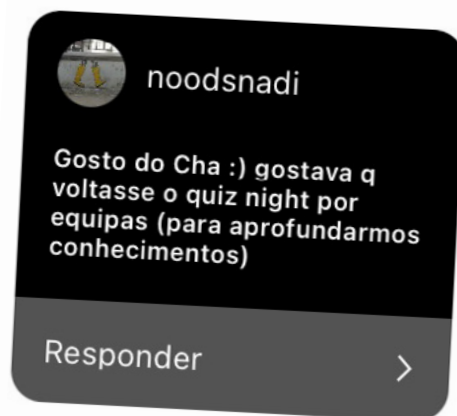


De que forma é que o Clube Safo mudou a tua vida?



15 65 99

Que atividades gostarias de ver realizadas, agora e pós-Covid?



@clube_safo



Ser mulher e mãe e lésbica: mãe também namora... se conseguir!



Por Dré

São 19h. Chego a casa e mando os sacos para o chão para receber um abraço da minha filha. O dia estuante de trabalho e o stress do trânsito morrem ali naquele instante. Tudo se relativiza enquanto cubro a sua bochecha de beijos. Tudo! O vestido que queria mas não pude comprar porque surgiu um passeio extra da escola para pagar, as horas que dormiria mas não consigo porque ela me chama de noite ou se destapa e eu me levanto três vezes para a tapar, a festa do ano a que faltei porque ela não consegue adormecer sem mim, o cabelo desregrado e a ausência de glamour perdido na correria das manhãs em que o mais importante é a miúda ir alimentada e bem vestida para a escola.

Nesse instante, dos beijos, ser mãe é fácil. Só que não! Depois há – entre as 19h e as 22h – as birras para gerir, o banho para preparar, o jantar que quero que coma todo e a horas, a roupa do dia seguinte, os registos diários da escola para ler, o meu banho, o meu tempo para comer, a minha roupa para amanhã, um ou outro e-mail para ler, responder às mensagens da família ou amigos, arrumar a cozinha, rever os materiais para o trabalho, brincar com a criança, deitá-la e adormecê-la. Não sobra muito tempo para mim. Ver um filme é um esforço extra que retiro das minhas horas de sono.

Programar uma saída, sem filha, é quase uma tarefa de departamento de logística: horas bem definidas porque o meu tempo é muito pouco; os avós sempre em contacto, a par dos meus passos, e alerta caso a miúda se passe; o orçamento contado para não falir. Acresce a isso uma saudade, por vezes acompanhada de um sentimento de culpa, por não estar perto da cria.

Não sei se é hormonal, cultural ou só feito, porém viajar sem ela é quase tão doloroso como um fado sobre saudade de Amália. Não o faço, por norma, mas tirei num verão quatro dias para mim e fui namorar numa casa de hóspedes junto à praia. Nesses dias não houve santo dia em que não me sentisse a pior mãe do mundo – como se fosse errado ser feliz longe dela – ao mesmo tempo que me sentia outra vez mulher e confirmava os meus sentimentos amorosos por aquela mulher espantosa. Mas sem a criança não me sinto completa, é como aquela canção brasileira a “minha alegria é triste”.

Mais ainda, quantas mulheres, tal como eu, vivem na tormenta das redes sociais? Atacadas por mulheres que nos lembram constantemente que a melhor mãe é a que mais sofre; a que dá de mamar em livre demanda mesmo que não durma dias; a que não leva anestesia no parto porque ao natural é melhor para a criança mesmo que as dores sejam de morte; a que consegue trabalhar, fazer as lides domésticas, postar comidas saudáveis com ingredientes bio, tomar conta da prole, ir ao ginásio e ainda ter ar cuidado.

Isso é um atentado à minha sanidade. Como conseguem? Não sei, mas na realidade, eu e as minhas amigas estamos fora desse campeonato. Entre nós há quem tenha sentido a relação abanar com a chegada do bebé, quem precisasse de baixa para se recompor, quem recorresse a serviços de amas em casa e a empregadas domésticas, quem tenha deprimido, quem se tornou adepta das roupas práticas, quem deixasse de ter tempo para ir ao ginásio, quem se separasse e até quem, após separação, nunca mais conhecesse outra parceira. **Final existem vidas fora da ditadura do Instagram. A delas e a minha.**

Se é certo que uma relação amorosa dá trabalho – é uma negociação constante, uma dedicação quase exclusiva, uma gestão de expectativas – **recomeçar uma vida amorosa sendo mãe e quarentona pode ser uma epopeia.** Epopeia, sim, foi mesmo isso que quis dizer: uma sucessão de acontecimentos heróicos dignos de admiração. É que, entre as 19h e as 22h, tento ainda encaixar um tempo para a namorada e **por amor arrisco fazer malabarismo com o telemóvel enquanto seco o cabelo, engulo uma sopa ou giro uma birra. Provas de que quero muito essa pessoa, mas que o outro lado nem imagina. Nada digno de Instagram: pareço mais um polvo de oito braços. Nem um filtro me faria ter ar de influencer.**

A Epopeia começa, contudo, já na busca de parceira. Por falar em redes sociais, muitas mulheres lésbicas recorrem a aplicações como o HER ou o TINDER para procurar alguém interessante. Facilita, sobretudo, quando és mãe e deixas de ter tempo para tantas saídas e convívios. Muitas de nós já diz ser mãe no seu perfil. Já vai de aviso e em modo pré-seleção! O emparelhamento nas aplicações parece perfeito e a conversa flui nas horas de almoço e antes de adormeceres. Depois há o primeiro encontro, as faíscas nos olhos, a vontade de deixar fluir e a realidade.

De todos os feitos o maior é conseguir que não fujam de ti quando disseres que a criança é, naturalmente, a tua prioridade e tudo o que isso implica. Algumas não estão predispostas para gerir isso. Dificilmente poderás sair do trabalho e só voltar para casa dois dias depois de sexo louco, com grandes limitações o orçamento de uma mãe solteira chegará para extravagâncias de um fim de semana romântico, aquele convite para jantar não pode ser feito 1h antes do jantar porque há uma criança para deixar em casa de alguém, férias com excessos e noites com uma criança é uma ilusão. Vai sempre haver uma reunião de pais, um imprevisto, uma noite em que a criança vomitou, a festa de aniversário dos amigos da escola, um projeto de trabalhos manuais para fazer no fim de semana para a exposição da escola, as aulas

de judo na academia, as compras para repor as roupas que deixaram de servir, as consultas de rotina, a papeira, a urticária, os escuteiros e tudo isso são prioridades. **A mulher que namora com uma mãe solteira, e aguenta firme, merece um nome de rua em homenagem à maturidade, empatia e sororidade que pratica. Não é para todas.**

Preconceitos à parte, mulheres-mães-lésbicas namoram e não são piores mães por isso. Há imensas mulheres que se interessam por mães solteiras, ao contrário do que se diz, não vais ficar sozinha por seres mãe a menos que seja por opção. Há que encarar o facto de mulheres mães terem é mais reservas e ponderarem mais cada investimento amoroso.



Não é um problema não procurarmos outra relação e estarmos bem solteiras, ou em namorarmos sem coabitar, ou em preferirmos alargar a família com uma companheira. As possibilidades são muitas e todas válidas desde que a criança esteja bem acima de tudo e de qualquer pessoa. Acima de qualquer pessoa implica a própria mãe. O que uma mãe precisa é de não ser julgada pelos outros por namorar e pela namorada por priorizar a criança. Por trás de uma mãe há uma mulher que deseja tornar-se visível e amada. Sem pressas. Sem dramas. Sem críticas. Sem possessividade. Estes são fatores de sucesso para

qualquer relação que para mim, enquanto mãe, se tornam mais determinantes.

Numa relação facilitadora e saudável, a mulher que namora uma mãe é cúmplice, também, da felicidade da criança. É bonito isto, não é?

[NOTA: Escrevo como mulher para outras mulheres. Não sou nem a mãe nem a namorada perfeita, não consigo. Vou-me equilibrando entre a liberdade a que me permito e a culpa que me pesa. Este texto é só um artigo de opinião sem estudos nem fundamentos teóricos. Façam-me chegar as vossas opiniões e experiências. Gostaria de ouvir todas. As mães, as namoradas das mães e, quiçá, seus filhos. Podíamos pensar nisso?]



NEM HOMOSSEXUAL NEM GAY, CHAMEM-ME LÉSBICA

Por Jessica Lima

“É este silêncio, este não personalizar do lesbianismo, esta vivência enquanto lésbicas fantasmas que caracteriza a situação portuguesa”.

São José Almeida em *Homossexuais no Estado Novo*

Em preparação para esta edição da Zona Livre, perguntámos às nossas associadas onde queriam ver o Clube Safo daqui a 25 anos. Aqui confesso que fiquei em pânico quando carreguei *Enter* e enviei esse e-mail. Nem eu sabia a minha resposta, apesar de convicta do nosso trabalho... intuitivamente. Convenhamos que 2021 não é um ano particularmente fácil para o exercício de pensar o futuro. Tenho os olhos postos na vacina e não consigo olhar muito mais para além do verão.

Contudo, foi esse enleio que me fez escrever o artigo que vos trago. Isso e seguir a cultura pop lésbica com demasiado afinho. Num serão de semana normal, ligo a televisão para ver uma famosa atriz assumidamente lésbica (perdão, homossexual) entrevistada num programa da tarde*, sobre a vida pessoal da artista, a sua carreira e da luta interna pela aceitação.

Em 40 minutos de entrevista maioritariamente dedicados à homossexualidade da artista, em algum momento ouvi a palavra lésbica. Ouvi gay, ouvi homossexual, ouvi “[tu] seres diferente”. Bem sei, trata-se de um tema muito pessoal, cada um sabe de si, Jessica. As pessoas são mais do que a sua identidade sexual. Certíssimo. Mas é justamente por isso que deixei a identidade da entrevistada numa nota de rodapé, porque é absolutamente irrelevante. Não

se trata apenas de uma atriz fugir (?) à palavra lésbica, mas ao fenómeno de grande parte da comunidade lésbica ainda sentir um pudor gigantesco à volta da palavra. O facto desta atriz, por si só, usar ou não lésbica é marginal. O que está em causa é as lésbicas nunca terem conseguido assumir o espaço público sem eufemismos e subterfúgios.

[A propósito, dei-me conta que o meu corrector automático nem sequer me corrige a palavra “lesbica”. Nem no Gdocs existimos.]

Andamos com pezinhos de lã, dizemos homossexual, dizemos gay, dizemos que jogamos noutra equipa, que somos do clube/do partido/do sindicato. Se calhar até dizemos fufas (e não, não é “fugas” sr. corrector automático). Mas não conseguimos dizer a palavra L-É-S-B-I-C-A sem pejo.

Talvez por ter sido usada como insulto durante tantos anos (mulheres donas de si e do seu corpo “ou são putas ou lésbicas”, dizia-se) nos seja difícil apropriar dela com orgulho. Talvez pela tradição lésbica separatista, de inconformismo e indisponibilidade para fazer parte dos espaços *mainstream*. Ou, pasme-se, pela invisibilidade atribuída à sexualidade das mulheres, que por associação se traduziu numa percepção de uma não-sexualidade lésbica.

Não tenho interesse em dissecar os motivos, mas expor a constatação de que por mais empoderadas que sejamos, continuam(os) a censurar-nos. Não é incomum ouvirmos que a palavra lésbica é feia e deselegante (imagino que de tanto os homens o apregoarem, tenhamos acreditado nisso).

Adoro que lésbica seja uma palavra de três sílabas que não deixa ninguém indiferente. É tão simples, mas caramba, tão incômoda! Como uma só palavra descreve tão bem a nossa forma de estar no mundo. Uma mulher que diga ser lésbica, alto e bom som, não deixa margem para dúvidas de estar confortável na sua identidade. E esse conforto, no meio de tanto desconforto que a palavra l-é-ssss-b-i-c-a gera, é sintomático de uma sociedade patriarcal e machista na qual nos inserimos.

Entendo, é uma palavra difícil de dizer. Quando assumi a minha identidade lésbica senti que assumi-la me tornava 'mais mulher'. Deu-me uma espécie de foco à minha identidade de género, era quase como uma lanterna no caminho do que é ser mulher. O que eu mais gostava na palavra lésbica era ao mesmo tempo o que mais temia e remonta aos meus tempos de faculdade em que ainda não me sabia fufa: na minha cabeça não era qualquer uma que podia ser lésbica. Lésbica eram as mulheres destemidas, cool, duronas, que não aceitavam merda de ninguém. Eu não podia ser lésbica (e não era pela minha "cara feminina" como uma amiga havia troçado), era mesmo - na minha cabecinha - por não ser nem destemida, nem cool, nem durona. E eu queria muito sê-lo, mas achava que não era nada disso o suficiente.

A viagem de como me apercebi lésbica e acima de tudo destimida, cool e durona será para outra altura. A viagem da qual quis refletir aqui, é a que toma lugar daqui a 25 anos, quando outras lésbicas vão olhar para as nossas revistas à procura de "como era". Sei que o vão fazer porque também o fiz há uns anos, com uma sede de curiosidade e pertença que crescia em mim, antes de conhecer ou imaginar pertencer ao Safo. Estou convicta de que a Zona Livre é um retrato histórico do que em 1996, 2021 e por aí adiante, pensávamos. Do que era importante para nós, do que falávamos, de que uso dávamos à liberdade que conquistámos. Fora de pretensões, acredito que será um documento importante. Não é ao acaso que pouco sabemos da vida das lésbicas portuguesas do século XX.

E por isso quis que este mês a minha marca fosse esta. Escrever uma peça que retratasse a nossa posição social em 2021. Que por mais humilde que seja, a Zona Livre faça parte da memória coletiva das lésbicas em Portugal. Que daqui a 25 anos as lésbicas possam dizer dentro de quatro paredes, nos palcos, na televisão, no trabalho, que são homossexuais. Ou gay. Mas principalmente: que são lésbicas.

1. Nota avulsa: a palavra lésbica neste texto foi dita 26 vezes.

2. A entrevistada foi a atriz Inês Herédia no programa da tarde Goucha.



Tell it to the Bees / Fale com as abelhas

**E o segredo que as abelhas não nos contam sobre a contínua patrulha às lésbicas dentro e fora das telas!*

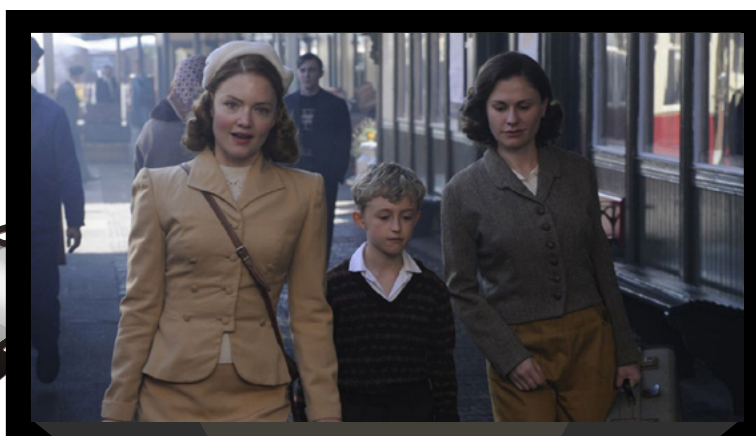
Por Simone Dee Cavalcante



Baseado no livro da escritora Fiona Shaw, o filme *Tell it to the Bees* (UK, 2018) dirigido por Annabel Janken conta a história do encontro entre a Dra. Jean Markham (Anna Paquin), o pequeno Charlie (Gregor Selkirk) e sua mãe, Lydia (Holly Grainger). Depois de sofrer bullying e ser machucado na escola onde estuda numa pequena cidade da Escócia, Charlie é levado para ser atendido pela recém-chegada Dra. Jean. Aos poucos, conhecemos mais detalhes sobre a difícil vida de Lydia em uma Escócia dos anos 50, e de como ela e a Dra. Jean se conhecem, e se apaixonam, tendo que confrontar o ódio e preconceito da população. O filme, que é narrado por um Charlie já adulto, fala também de sua

conexão com as abelhas e de como isso lhe foi ensinado pela Dra. Jean.

Apesar de *Tell it to the Bees* dar visibilidade a relacionamentos românticos entre mulheres, o filme não segue o enredo original escrito por Fiona Shaw, uma mulher abertamente lésbica, e que em seu livro quebra com os típicos finais de filmes com temática lésbica. O filme da diretora Annabel Janken modificou acontecimentos, cortou personagens e acrescentou falas. Tudo isso para se ter uma história mais 'palatável' a um público heteronormativo. Mais um filme onde censura-se e apaga-se as possibilidades de vivências lésbicas plenas e felizes.



***Aviso de gatilho por haver cenas de violência.**

Para assistir? Comprar ou alugar no Amazon Prime, Hulu, Youtube, AppleTv ou Google Play.

Poesia para a Zona Livre

Despertar

Anda...vem daí comigo.
Por montanhas e promontórios
escalamos até às estrelas.
Não te deixarei sem abrigo
porque te olho nos olhos

e envolvo-te em lírios.
Anda...vem daí comigo
Mostrar-te-ei como dançamos.
Segurando-te firme enquanto sonhamos,
nesta espécie de delírio
em que nos vislumbramos.
Anda...vem daí comigo.
O mar beija-nos à flor da pele
com o toque aveludado de um pincel
que pela mão do artista
desenha a melodia nos nossos corpos,
muito além papel.
Anda...vem daí comigo.
Traçamos voos rasgados
entre o toque e o arrepio.
Num gesto quente
lanças a semente
que germina, pelo nosso olhar, ardente!
Deitadas na areia
com os braços enlaçados
e cobertas com um lençol de seda
contemplamo-nos com a sintonia
de duas nereidas.
Enquanto o sol desabrocha
ao jeito de um despertar
Anda...fica aqui comigo.

Patrícia Costa

Mogli

À espera do momento suspenso no tempo
em que os nosso olhares se entrelaçam
como as pernas de duas amantes
numa dança matura,
colho-te no exacto evento
em que os teus lábios esvoaçam
em ímpetos vibrantes
na direcção dos meus.

Oh loucura.

Sem razões nem porquês
acolho-te nos meus braços
como a margem recebe o rio,
Nutro cada pedaço de ti
E elevo-te àquele lugar que por não existir

ganhou vida e germinou, sem poda.
Das tuas carícias faço magia.
Percorro-te sem fim
e repouso, em euforia
nas tuas cochas de sabor jasmim.
Navego nos espaços férteis
em que gracejas
como uma pena ébria
à procura do seu tom de canto.
Mogli, de jeito selvagem e perdido
Serei o teu abrigo
E o teu desassossego
Nos dias em que me deito junto a ti
e me declaro com versos sem fim
Em cada momento em que te vejo
com vislumbres prolongados
e de amor pincelados.

Patrícia Costa

S de Serpenteur

Ginga gulosa, ondula com a palavra.
Com uma lábia serpenteante
mas de acção intrigante,
Deixa-te hipnotizada e vibrante!
Antecipa os teus movimentos
e envolve-te com os seus tentáculos de hydra.
Atrofia-te a mente
E sufoca-te em espelho!
Dança elegante no conteúdo
mas perversa na forma.
Envenena o pensamento crítico
e transforma-te em amorfa.
Rompe a cadeia.
Assume-te.
Pisa firme em cada braçada.
Ama-te mais a cada alvorada.
E a serpente será desempoderada.

Patrícia Costa



Só com o sol, a lua existe.
Só deste jeito profundo,
Faz sentido a sua volta ao mundo.
Vivem a alegrar a vida triste

De qualquer ser humano que se despiste
Pelo quotidiano, a cada segundo.
Apesar de serem corcundos,
Teimam, com a esperança que resiste,

Em lutar pela vida. So se sentem gente
Quando estão juntos a tempo inteiro.
Aí, de tão felizes e crentes,

Esquecem tudo, num momento derradeiro.
O homem não pode separar a corrente
Criada por Deus com o brilho verdadeiro.

09/08/2020

Fátima Gomes

Mesmo identificando claramente o endereço,
Muitos não dariam verdadeiramente com a casa.

Uma coisa é a aparência rasa
E outra a essência profunda que lhe conheço.

Não duvidam prontamente do seu tropeço
E pensam para si mesmos como se abraça
O coração de quem vê mais além. Vaza
A maré cheia no começo

Da manhã trazendo consigo a esperança.
Afinal só o ser humano consegue
Escutar o seu coração de criança.

O outro, sem o qual viver não concebe,
É muito mais do que a vista alcança
E, por isso mesmo, para toda a vida, o segue.

26/07/2020

Fátima Gomes



Na sua casa, encaixava no tamanho
Perfeito. Afinal para que funcionasse
Bem, o botão talvez precisasse
Casar com o mesmo desenho.

Conhecedor do seu destino e do seu engenho,
Procurava discretamente fugir a catarse
Que envolvia o seu desviar-se.
Adaptava-se com a capacidade de que já
não tenho

Conhecimento. Era filho único capaz
De realizar a sua vontade mais verdadeira.
A linha que o atravessava voraz,

Instigava a sua missão derradeira:
Teorias de outrora, deixara-as para trás
Pois só lhe importava a sua forma de
vida justiceira.

17/07/2020

Fátima Gomes

A sua alma é majestosamente bonita,
Exatamente por não o saber.
Quando se desarma e acaba por ceder,
Pede proteção e cuidado para com a sua
dor aflita.

Então quando o seu brilho se arrebita,
Volta - se para si de novo quase sem querer.
Como se assumisse precisar se proteger,
Como a verdade em que mais acredita.

Fa-lo sem ter a mínima noção,
Porque esse gesto é todo espontaneidade
Que importa o que os outros verão?

Só quer viver com verdade
Quanto mais longe os seus dias vão,
Menos se lhe nota a idade.

11/07/2020

Fátima Gomes



INDOMÁVEL

de Glennon Doyle

Por Sara Cristina

Começámos o ano de 2021, no Clube do Livro, com o fabuloso livro, **Indomável** de **Glennon Doyle**.

Numa primeira instância não nos podemos esquecer do prólogo, onde a autora transmite uma importante mensagem com a metáfora da Chita. No início do livro, Glennon compara uma Chita, que se encontra no Zoo, em pleno espetáculo, e este animal, indefeso, mostra-se “formatado” para atuar e agir de uma determinada maneira. Nós, seres humanos, em determinadas situações, encontramos-nos, inconscientemente, formatados para agir e comportar de acordo com padrões sociais. A sociedade é o nosso “ditador/treinador” que devemos obedecer, sem questionar, sobre os benefícios e malefícios de uma determinada situação.

Ao longo da leitura deste livro encontramos temas tão importantes e fundamentais para a nossa vida como pessoas e, sobretudo, como Seres Humanos. Este livro é dividido em três partes: Enjaulada, Chaves e Livre. Podemos também refletir sobre como a divisão do mesmo foi feita. Vemos aqui uma necessidade, por parte da autora, e de quem a lê, de uma libertação de algo que nos aprisiona como Seres que somos. Primeiro, ter consciência de tudo aquilo que nos aprisiona, depois arranjar estratégias (chaves) para nos libertarmos do que nos prende e, por fim, a sensação de liberdade que podemos sentir depois de ultrapassarmos determinadas situações e obstáculos impostos pela sociedade.

As pessoas que se lêem como do género feminino terão neste livro quase como uma declaração e/ou memorando feminista sobre os direitos da mulher e como as mesmas podem ser Livres. Uma Ode ao poder feminino.

Apesar do livro ser autobiográfico, podemos ver nas mais diversas passagens do mesmo visões idênticas às nossas. O importante é o Sentir e Vi-



ver. Seguirmos a nossa intuição como seres humanos e procurarmos a nossa própria felicidade.

Ao longo dos capítulos, que podem ser igualmente lidos em separado, damos conta de assuntos tão importantes como o próprio conceito de feminismo, o papel das mulheres, os papéis de género, o machismo, misoginia, as discrepâncias existentes nos vários setores da sociedade (social, institucional e individual), amor, orientação sexual, identidade de género assim como outras questões, mais a nível psicológico, como a Superação, Autoestima, Autoconfiança, Autoconhecimento, entre outros.

A autora pretende com este livro mostrar que existe sempre espaço nas mulheres, sobretudo, para serem **Livres**. Para Ser quem são. Para não seguirem os padrões doentios e disfuncionais que a sociedade exige que sigam. As mesmas não precisam de **aprovação social** ou **desejabilidade social** para serem aquilo que tanto ambicionam ou do que querem realmente fazer. A decepção perante o outro acontece porque nós somos Seres Humanos.

A Liberdade é uma das muitas palavras-chave para quem degusta este livro.

Entre mulheres: do que falamos quando falamos de amor

Por: Alexa Santos

Lançámos o mote para nos encontrarmos no mês em que se celebra o S.Valentim, santo dos namoros e das uniões duradouras, dos amores impossíveis e dos amores verdadeiros:

"Depois de termos passado o dia internacional do amor nesta pandemia nada melhor que voltarmos com o nosso Chá das Safas com o tema: Amor e Relacionamentos."

Como têm estado as vossas relações? E os vossos corações neste ano de pandemia? Como tem sido conhecer pessoas novas?"

Ter um espaço para falar abertamente do que sentimos, das dificuldades que temos, das nossas conquistas românticas e amorosas nem sempre é fácil. Por vários motivos muitas vezes não conseguimos encontrar, à nossa volta, como ou a melhor altura ou as palavras certas para falar sobre este tema. Podemos achar-nos inadequadas ou simplesmente de coração demasiado partido para ainda acreditar que é possível o amor.

No dia 21 de Fevereiro tivemos a felicidade de juntar cerca 30 mulheres, com idades variadas que de onde estavam, no campo ou na cidade, sozinhas ou acompanhadas, partilharam as suas experiências e opiniões sobre o amor, relações, sexo, namorar ou não namorar.

Talvez tivesse sido de outra forma se estivéssemos todas frente a frente, numa mesa, a lanchar ou jantar, com um chá ou copo de vinho. No entanto é através de um ecrã, em vários quadrinhos que nos juntamos para falar sobre questões do coração.



É unânime que não é um assunto fácil e muitas foram as partilhas. Casais que se conheceram online, outras que trabalhavam juntas e um dia, numa cerveja depois do trabalho tudo mudou. Mudanças de país e aventuras à distância. Entre a invisibilidade e a escassez de lugares onde nos encontrarmos é difícil sabermos onde andamos. Quando uma relação acaba, especialmente depois de vários anos, e quando tens uma certa idade, onde encontramos um novo amor? A preocupação com a falta de espaços de convívio também foi partilhada por todas. Quando chegas a Portugal de um país estrangeiro, quando não vives em Lisboa, como é que combinas encontros e ficas a conhecer as pessoas? A internet é sempre a internet de que já está toda a gente muito farta.

As formas de nos relacionarmos são múltiplas e variadas. E que bonito que neste grupo que se juntou, cada pessoa tivesse a sua perspetiva. Algumas para quem o sexo importava, outras que não importava de todo. Para algumas partilhar a casa era impossível e para outras não demorou muito até que mudassem todas as suas malas, plantas, animais para o mesmo cubículo, demasiado caro, demasiado pequeno, mas que resulta.

Há quem aceite a possibilidade de relacionamentos abertos e para quem seja impensável ter uma relação que aceite mais pessoas para além das duas enamoradas.

E em pandemia como é que se faz, deixamos de ter necessidade de estarmos juntas, vivemos este ano sozinhas ou acompanhadas? A verdade é que muita gente começou relações virtuais, via chamadas pelo whatsapp ou mensagens no Instagram. Com todos os cuidados e distâncias de segurança. Mas também se fortaleceram relações já duradouras e aquelas que começaram mesmo antes de se saber que tínhamos de nos encafiar em casa sem possibilidade de sair à rua.

As relações podem não ser fáceis, em tempos de pandemia os desafios foram ainda maiores mas o bonito é ver que o amor conquista tudo e que mesmo tendo de nos reinventar, mesmo reinventando como nos relacionamos, o amor continua a ganhar. A ocupar espaço, a existir e a cuidar.

Obrigada a todas que vieram ao nosso chá das safo e que partilharam as suas histórias e vivências.

O chá das safo é um espaço aberto para lésbicas, mulheres que têm relações com mulheres, bissexuais, pansexuais ou outras. Pessoas cis ou trans, binárias ou não binárias.



Fotos: Freepik

Durante o mês de Maio planeamos as seguintes atividades:

11 DE JUNHO



Sarau das Safo
Online

19 DE JUNHO



22ª Marcha do Orgulho
LGBTI+ de Lisboa
“Desconfinar direitos,
afastar preconceitos”

20 DE JUNHO



Clube do Livro
Online

... E ainda divulgamos:

4, 12, 18 E 26 DE JUNHO

Música ao vivo com Mariane Guerra
Boteco Dona Luzia @botecodonaluzia

Sou ‘cantoautora’, guitarrista e artista independente, sou brasileira e vivo em Portugal desde 2018, quando fui convidada para tocar em uma rede portuguesa de restaurantes. Desde então atuei em inúmeras casas, realizando releituras de grandes sucessos da música pop mundial aliados ao trabalho de compositora.

“Através da música busco incentivar o lado positivo no cotidiano da vida, seja a dois ou ao vivenciar cada momento só com o mundo. Transbordar os sentimentos em letras e melodias.”

(Mariane Guerra, @marianeguerrah)



Fiquem atentas às nossas páginas de Facebook e Website, onde em breve divulgaremos as atividades.



CLUBE SAFO

Durante vários meses temos juntado mulheres que têm relações com mulheres em várias atividades, temos contribuído para que se volte a falar das questões das lésbicas em Portugal e continuaremos esse trabalho diariamente. Para o fazer precisamos de vós!

Ser sócia

Ser sócia do Clube Safo é querer contribuir activamente para a defesa dos direitos de mulheres que têm relações com mulheres. Ser sócia do Clube Safo é fazer parte da mudança nas leis e na sociedade. Se queres lutar pela igualdade plena entre todas as pessoas independentemente da orientação sexual, faz-te sócia do Clube Safo.

Ao fazeres parte de uma associação de defesa de direitos, assumes uma postura de participação activa na sociedade no exercício pleno da tua cidadania e contribuis para uma sociedade melhor para ti, para nós e para todas.

Ser sócia do Clube Safo também é estar informada, participar nos encontros sem pagar taxa de inscrição e ter desconto nas outras actividades do Clube.



Assinatura Semestral
12,00 € / R\$60,00

Assinatura Anual
24,00 € / R\$120,00

São mais de 20 anos de luta pelas mulheres lésbicas, seja na inclusão social ou na educação. Queremos e podemos fazer mais e para isso precisamos de sócias e voluntárias. Manda e-mail para **geralclubesafo@gmail.com** e faz parte!